



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL – SOCIEDADE,  
EDUCAÇÃO E CULTURA (Lato sensu)**

**MÔNICA MARINHO DA SILVA**

**ENTRE REDES E CESTOS: PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES NO COTIDIANO  
DAS PESCADORAS SOLEDADENSES**

**Campina Grande  
2022**

MÔNICA MARINHO DA SILVA

**ENTRE REDES E CESTOS: PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES NO COTIDIANO  
DAS PESCADORAS SOLEDADENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Estudos de História Local – Sociedade, Educação e Cultura (Lato Sensu)

Orientadora: Me. Thuca Kércia Moraes de Lima

**Campina Grande  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Mônica Marinho da.  
Entre redes e cestos [manuscrito] : práticas de sociabilidades no cotidiano das pescadoras soledadenses / Mônica Marinho da Silva. - 2022.  
22 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Thuca Kércia Morais de Lima , Departamento de História - CH."

1. Mulher. 2. Pescadora. 3. Soledade - Paraíba. 4. História local. I. Título

21. ed. CDD 305.4

MÔNICA MARINHO DA SILVA

ENTRE REDES E CESTOS: PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES NO COTIDIANO  
DOS PESCADORES E PESCADORAS SOLEDADENSES

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado a/a  
Coordenação /Departamento do  
Curso História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Especialista em Estudos De História  
Local – Sociedade, Educação E  
Cultura (Lato Sensu)

Aprovada em: 22/10/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

*Thuca Kércia Moraes de Lima*

---

Prof.Dra. Thuca Kércia Moraes de Lima  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Hilmara Xavier Ribeiro*

---

Prof.Dra. Hilmara Xavier Ribeiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Jadson Pereira Vieira*

---

Prof. Me. Jadson Pereira Vieira  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

A Deus e à minha mãe pela força e  
sustentação, DEDICO.

Na fé que eu tenho no povo, eu levo a minha  
bagagem,  
Na fé que eu tenho em Deus, eu sigo a minha  
viagem,  
Quem leva nunca reclama e nunca há quem se  
queixe,  
Se a propaganda é da boa, então imagina o peixe.  
Olha o Peixe! Olha o Peixe! Olha o Peixe!

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ENTRE OS CAMINHOS DA “SOLEDAD” E OS BARCOS DA ESPERANÇA: REPRESENTAÇÕES SOBRE A CIDADE DE SOLEDADE-PB.....	10
3. O OLHAR DE UMA APRENDIZ.....	12
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	20

## ENTRE REDES E CESTOS: PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES NO COTIDIANO DAS PESCADORAS SOLEDADENSES

Mônica Marinho da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Esta escrita objetiva apresentar e discutir como as práticas vivenciadas no cotidiano das mulheres pescadoras, foram e são importantes elementos na constituição e perpetuação do ser pescador, como sujeito social, cultural e político, perpassando pelo campo das sensibilidades e utilizando-se da história oral iremos navegar no barco das memórias das pescadoras, que, com seus relatos nos levará a conhecer as águas do cotidiano de suas existências. As experiências vivenciadas na pequena comunidade chamada popularmente de “Vila dos pescadores” que vem se constituindo e se reinventando aos arredores de um reservatório de água, na cidade de Soledade PB, conhecido como Açude do Estado, são elementos que educam, que transformam, que reinventam, que dão possibilidades: Nas discussões dos conceitos usados nesta pesquisa teremos como principais teóricos: Jorge Bondí Larrosa, com sua discussão sobre experiência, Michael Pollack com o conceito de memória e Verena Alberti com a discussão sobre história oral.

**Palavras-chaves:** Mulher; Pescadora; Soledade- Paraíba; História local

### ABSTRACT

This writing aims to present and discuss how the practices experienced in the daily lives of women fishermen were and are important elements in the constitution and perpetuation of the being fisherman, as a social subject cultural and political, passing through the field of sensibilities and using oral history we will sail the boat of the memories of fishermen, that with their reports will lead us to know the waters of the daily life of their existences. The experiences experienced in the small community popularly called of "Village of fishermen" that has been constituting and reinventing itself around a water reservoir, in the city of Soledade PB, known as "Açude do Estado", are elements that educate, that transform, that reinvent, that give possibilities. In the discussions of the concepts used in this research we will have as main theorists: Jorge Bondí Larrosa, discussion about experience, Michael Pollack with the concept of memory and Verena Alberti with the discussion on oral history.

**Keywords:** Women; Fisherman; Soledade- Paraíba; Local History

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UFCG, atualmente é aluna da especialização em História Local do NUPEHL/UEPB.



## 1. INTRODUÇÃO

A História se constrói cotidianamente no individual e nas trocas coletivas. Os sujeitos se reconhecem, as vivências deixam registros, memórias são criadas para serem resgatadas. Trilhei os caminhos da ego-história, e fiz uso da minha experiência pessoal em conjunto com as trocas cotidianas com os moradores da vila dos pescadores, que me permitiu, enquanto historiadora, o resgate do contexto que pela via da história oral, se materializa na escrita de um povo que merece ter sua história contada. Sobre essa a possibilidade de produzir narrativas por meio de olhar mais voltado para as experiências do meu eu, Pierre Nora, nos diz que:

“Há um outro modo de tomar consciência da história: a percepção da continuidade através da sucessão das gerações, o reconhecimento de uma herança que não depende de nós rejeitar. Todo o estudo do passado se torna, então, investigação das origens: é pedido à história não deslocar-nos, mas esclarecer-nos sobre nós mesmos revelando-nos as nossas raízes.”(NORA,1989, p.294)

De forma despretensiosa, sempre quis falar sobre minha experiência enquanto filha de pescadores, e não pelo fato de achar que são essas vivências e memórias melhores ou mais importantes, em detrimento de outras, mas por sempre perceber muitas semelhanças com histórias de vida de outros. No meu caso as vivências específicas ao ofício da minha família, fizeram com que eu percebesse certas particularidades que nos moldou de forma particular e singular, e que ao mesmo tempo, nos desperta um sentimento de pertencimento e identificação com nosso lugar de origem.

Sempre me senti muito pertencente à comunidade de pescadores, a qual nasci e cresci, sempre ouvindo, vendo, participando e sendo parte do cotidiano da pesca. A percepção que tenho é de que não existia limites entre as águas e minha casa, por vezes parecia que eram inseparáveis, em tempos estávamos no açude e em outros o açude estava em nossa casa, com todas suas representações subjetivas e reais.

Minha identidade enquanto ser social foi invadida pelas práticas corriqueiras do ofício do ser pescadora, essa relação se torna mais forte à medida que eu conheço e discuto mais sobre elas, percebendo que não somos uma coisa a parte, somos parte constituinte da nossa cidade, da nossa história com todos os onus e bonus que possam existir, como sugere Michel Pollack:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p. 204)

Outra inquietação que sempre carreguei, era a forma como que, nós pescadores éramos vistos ou não éramos vistos. Sempre nos era incumbidos de uma visão generalizada, superficial, e muitas das vezes estereotipada, de forma muito grosseira, como se o fato de ser pescador se definisse por um ofício de poucas horas, com folgas, férias, como a maioria dos trabalhos formais são, com

rotinas definidas pelas horas do relógio, marcando o início do expediente pela manhã e o encerramento ao chegar o fim do dia, ou com olhares hierarquizados por aqueles que acreditam na superioridade das coisas e dos seres. Como bem nos mostra a pescadora Maria José, quando nos relata uma experiência que vivenciou.

Ninguém queria ser pescador, pescador pra eles é doença, pra eles era crime ser pescador, ainda hoje é Mônica, pro bocado de gente, discrimina porque é pescador, eu fui pra Campina que Alana ia fazer um curso, sabe o que foi que o homem que tava fazendo a entrevista, perguntando a Alana, se ela queria a vida do pai dela e da mãe dela pra ela, de pescador... Na minha frente, você quer a vida do seu pai e de sua mãe pra você. (Informação verbal)<sup>2</sup>

O cotidiano que conheço, que faço parte, que me identifico e que me representa, vai além das muitas atividades profissionais que hoje tenho conhecimento, e volto a dizer, não pelo fato de está colocando as minhas vivências e a dos pescadores em condição de superioridade, mas pelo fato da intensidade que esse ofício carrega e que exige do sujeito.

As vivências e experiências dos pescadores, nunca foi de interesse de outros, nunca foi colocado como objeto de estudo por aqueles que narram os fatos da história de Soledade, até 2015<sup>3</sup>, quando de forma tímida iniciei o processo de entender e refletir, o que sempre esteve presente no meu dia a dia, e como essas práticas eram importantes para o processo de desenvolvimento dentro do contexto histórico da cidade.

As escritas que temos sobre esse leque de possibilidades que envolve a cidade e suas representações, sobre Soledade, são sempre narradas a partir de seus “grandes nomes”, “importantes famílias”, muitas vezes vistas de uma esfera econômica, e porque não dizer vista de cima para baixo. O que chega mais perto do nosso objeto de problematização é alguns escritos que analisam a parte física do açude<sup>4</sup>, dando ênfase a uma vertente mais técnica, que não dar possibilidade de discutir a mobilidade das experiências que existem naquele espaço.

Mesmo que as escritas de outros, nunca tiveram seus olhares voltados para aquela comunidade de indivíduos que viviam e vivem dia após dia experiências singulares, que guardam nas suas memórias elementos valiosos para a construção da história da cidade, é o que me fez movimentar essas inquietações e compartilhar através das memórias cedidas pelas pescadoras e das minhas experiências, enquanto pescadora que fui e que sou, enquanto filha, irmã, sobrinha e vizinha de pescadores.

A História Oral, como metodologia, é essencial na construção de memórias acerca do cotidiano dos pescadores da cidade de Soledade. Pensamos essa fonte, o

---

<sup>2</sup> Informações fornecidas pela pescadora Maria José Lourenço em 15/08/2022.

<sup>3</sup> Início da minha pesquisa para a produção da monografia para conclusão do curso de história na UFCG

<sup>4</sup> A construção do reservatório denominado hoje como *açude do Estado* foi e é sem dúvidas, uma grande contribuição para o contínuo processo de desenvolvimento da história de Soledade. Mas, antes de falarmos dele como um lugar gerador de trabalho, identidade, cultura, lazer e experiências, devemos colocá-lo como um lugar de acontecimentos de práticas políticas. Inicialmente, em sua construção, no ano 1930 com o seu término em 1933, foi realizado pela Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), no programa de combates a secas na região do Nordeste, que fazia parte da política nacional de recursos hídricos, estabelecida no governo de Getúlio Vargas em seu primeiro mandato.

relato oral, como facilitadora de subjetividades, onde as memórias nos permitem caminhar por lugares na qual não eram possíveis para o historiador, sem que os sujeitos permitissem compartilhá-las. São essas subjetividades e experiências, que irão nortear o decorrer deste trabalho, e como diz (Alberti, 2004) “o que nos fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência.”

A possibilidade de trabalhar com história oral além de ser um processo enriquecedor, também se torna uma forma de dar oportunidades para aqueles que nos presenteia com seus relatos, de se sentirem autores de suas próprias histórias, de fazê-los acreditarem que o que muitas vezes para eles seriam histórias comuns, esquecidas, ou que só tivesse significado para si, são relatos importantes e que fazem parte de uma história e de um processo admirável e cheio de possibilidades. A História oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. (Albertini, 2004)

Perpassando pelas subjetividades proporcionadas pela História Oral, por meio dos depoimentos daqueles que falam de suas vivências, existe a possibilidade de remontar realidades que já estavam adormecidas na memória dos sujeitos, ganhamos uma grande aliada nas produções das narrativas históricas e principalmente para a produção da história local. “Entram em cena, assim, os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitido no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado.” (Pesavento, 2007).

## 2. ENTRE OS CAMINHOS DA “SOLEDAD” E OS BARCOS DA ESPERANÇA: REPRESENTAÇÕES SOBRE A CIDADE DE SOLEDADE-PB

Soledad/antes que o sol se vá/ Como um pássaro  
perdido/Também te direi Adeus/ Soledad/  
Soledad,[...]Pois só ele explicaria/ A quem teu destino  
serve/ Sem mágoa, nem alegria/Um coração tão breve/  
Também te direi Adeus [...] Soledad/ Que a vida é toda secreta! <sup>5</sup>  
(Amália Rodrigues)

A palavra Soledad em espanhol, encontrada na canção acima vem do latim solitáte, e para português, significa Solidão. Considerado um estado de melancolia, ausência, de quem se sente só, talvez não fosse o nome apropriado para uma cidade do Estado da Paraíba, denominada Soledade. Em contraponto, talvez os moradores não sintam o peso que a palavra carrega em seu significado. Entre os caminhos solitários das ruas da cidade, foram construídas diversas experiências que ficaram nas memórias do seu povo, estas que de acordo com (RIO,1910) seria: [...] um fator da vida das cidades, a rua tem alma [...]

A cidade de Soledade foi iniciada a partir de um cemitério denominado inicialmente de Solidão. Foi exatamente a primeira construção realizada no território

<sup>5</sup> Canção de Amália Rodrigues no álbum Amália Hoje (2009)

onde atualmente é a cidade de Soledade. Foi deste espaço solitário que ergueu-se uma cidade cheia de mistérios e grandiosidades, como afirma o historiador e escritor Tiago Pereira “Soledade é detentora de muitas Histórias e de uma beleza particular”. A cidade constrói e guarda histórias. Cada olhar lançado nos diversos ambientes erguidos em distintos momentos da história, é detentor de peculiaridades e particularidades, é possível captar os registros, de como ela se movimenta e se constrói a partir dos relatos de seus moradores.

São nas ruas que vivenciamos rastros de décadas que seriam esquecidas pela névoa do tempo. Cada cidade possui suas próprias características, no entanto, elas possuem inúmeros aspectos em comum, como enfatiza (PEREIRA, 2013):

As cidades são iguais em tudo, não há diferenças entre uma e outra. A grandeza e a graça atribuídas a cada urbe dependem unicamente daqueles que habitam seus espaços, dos indivíduos que consomem cada lugar. São seus habitantes que seguem regras, inventam modas. Projetam estéticas, burlam leis, destroem e constroem-na diariamente. E ao mesmo tempo em que inovam, mantêm de alguma forma aquela mesma Urbe antiga viva a pulsante. As histórias das cidades dormem em suas paredes ou em seus paralelepípedos, em becos sujos e íngremes, em ruelas, em nomes e nas seletivas e vicejantes memórias de seus moradores. (PEREIRA, 2013, p.14).

Foram esses soledadenses, portanto, que erguendo tijolos físicos e imaginários foram colorindo e dando forma às peculiaridades que fazem de Soledade, uma cidade tão querida por seus habitantes e considerada acolhedora por aqueles que a fazem seu novo lar, seja por dias, ou por uma vida toda. Que deixemos de lado o forte peso que tem a nomenclatura da cidade de Soledade e nos voltemos para as narrativas apresentadas sobre ela e sobre sua população que ultrapassando os caminhos solitários do tempo, transformaram a cidade em um espaço de vivências e construções de experiências, uma construção coletiva, que pertence a todos os seus moradores, visitantes e espectadores dessa história. Como podemos ver na poesia abaixo denominada de As Sete Maravilhas de Soledade:

O ESTADO é grande obra /Um açude colossal/Erguido por retirantes/Um serviço artesanal/Mas durante a construção/Muitas vidas foram em vão/Por uma febre/ Tem HISTÓRIA e tem BELEZA/ Suporta grandes enchentes/Enriquece a paisagem/ Dá vida a muita gente/ Além do belo cenário/ Nos serve de balneário/ Naqueles dias mais quentes/Padre Ibiapina ergueu/ Com coragem e comoção/ Cemitério pra os coléricos/ Com o nome de Solidão/E nesta plaga singela/ Construíram uma CAPELA/ Pra evangelização/ Um pequeno cemitério/Pras vítimas da chacina/Da tal cólera –morbo/Fez padre Ibiapina/Como tempo se passou/A capela se tornou/Nossa MATRIZ cidadina.(PEREIRA, 2013, p.32).

Entre os versos singelos do poeta e historiador soledadense José Thiago Marinho é possível recriar as vertentes de uma cena sobre a cidade de Soledade, situada na Paraíba. Percorrendo as memórias acerca da fundação da cidade e, em seguida, da construção do Açude do Estado em meados dos anos 30, podemos entender como se deu esse processo de enraizamento na vida daqueles que fazem desta cidade, um abrigo.

Nos versos também já existe um apontamento de como o açude do Estado, desde de sua edificação é marcado por elementos políticos sociais, a exemplos dos trabalhadores que pelas forças de suas mãos deram “vida” a essa obra, e que muito

perderam sua vida, quando foram atingidos pela cólera-morbo, e também podemos imaginar as péssimas condições de trabalho que existiram nesse processo.

É chegada a hora de vocês, leitores e leitoras, percorrerem os primeiros caminhos que levaram as terras áridas e secas, do interior da Paraíba, ao que hoje conhecemos como Soledade. Não parando o passeio por aí, convidamos vocês a navegar nas águas do Açude do Estado e juntar-se às pescadoras que moram na pequena Vila de Pescadores no bairro São José e conhecer as peculiaridades que existem nesse mar de sociabilidades. O dia “está para peixe”, as bacias estão prontas, redes armadas, o dia começa cedo: é hora da pesca.

### 3. O OLHAR DE UMA APRENDIZ

*A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.*

(POLLACK, 1992, p. 203)

*A necessidade de memória é uma necessidade da história.*

(NORA, 1993, p. 14)

A partir dessas provocações é norteadada minha escrita, que muito vai ter de memórias de pescadoras, e de inquietações sobre elas. Como bem nos disse, Pollack e Nora, existem peculiaridades em nossas memórias, mas que mesmo assim a história precisa delas, e é nessa possibilidade que me amparo para contar a partir de minhas lembranças e das que a mim foram compartilhadas, um pouco do cotidiano das pescadoras, e que conseqüentemente é parte integradora da história de Soledade. Novamente Nora nos diz que:

*A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)*

Assim, construir discussões por meio das memórias é buscar essa revitalização do que por hora possa pertencer ao campo do esquecimento, mas que ao acordar traz sentido a tudo que foi vivido.

Para que esse processo de revitalização fosse possível de acontecer e que fizesse parte da construção dessa narrativa, que vem em busca de enfatizar o cotidiano daquelas que por muito tempo compartilharam suas trajetórias com a pesca, contamos com a graça do compartilhamento das experiências de mulheres pescadoras, hoje já aposentadas de suas atividades laborais, mas que não se desligam daquilo que sempre fez parte de sua vida, serão delas as memórias que ao se transformar em história oral, nos possibilita escrever suas histórias de vidas e conhecer como as representações dos elementos sociais atuaram na vida e no cotidiano dessas pessoas.

Apresento a vocês, cinco mulheres que tiveram a maior parte, senão toda a sua vida dedicada a prática da pesca, dedicadas a viver sempre em dupla até mesmo tripla função social, mesmo que não percebessem, sempre estavam incubidas de mais de uma função, e em alguns momentos todas essas funções estavam ocorrendo ao mesmo tempo: mulher, esposa, mãe, doméstica, pescadora, vendedora, artesã e tantas. Apresento a vocês;

*“Meu nome é Maria José Lourenço Gonçalves, tenho 56 anos, sou pescadeira profissional, e sou aposentada já, pela pesca”*

*“Sou, Josefa Laurentino da Silva, nasci no dia 16 de janeiro de 1966, tô com 56 anos”*

*Gercina Marinho da Silva, 69 anos, aposentada pelo trabalho da pesca.*

*Bernadete Lourenço, 85 anos, aposentada pelo trabalho da pesca.*

Logo no primeiro ano da década de 90, deu-se início, através do meu nascimento o sentimento de pertencimento ao cotidiano dos pescadores, isso se deve ao fato de ter nascido após um dia de trabalho, de venda de peixes, relatados por meios das memórias da minha mãe, Gercina Marinho, ela acordara cedo para viajar até a cidade de Campina Grande, como já era de costume, todos os sábados, ela acompanhada de um grupo de pescadores, em sua grande maioria mulheres. Já sentindo as primeiras dores que sinalizava que o nascimento daquela criança estaria próximo, conclusões tiradas da experiência adquirida ao longo de cinco gestações, ela sabia que em breve eu viria ao mundo, mesmo assim foi em busca da venda de sua mercadoria, retornando, em cima de caminhão, pois era a forma mais “barata” de chegar em casa, quando o cesto estava vazio. Essas experiências eram vivenciadas por muitas, senão por todas as pescadoras, mesmo em períodos em que o corpo exigia um descanso, uma pausa.

Todo sábado a gente ia, era outro aperrei, quando a gente ia, tinha sábado que era bom de vender a gente vendia, e tinha sábado que a gente não vendia trazia de volta pra trás, naquele tempo os carros pra gente ir andar era com uma dificuldade que na época as coisas era difícil, e passagem de carro também era difícil pro caba arrumar dinheiro pra tá pagando passagem, aí às vezes a gente pegava os caminhão mais barato nas estradas e ia, saia de três horas da madrugada, pra chegar cinco horas em Campina que era pra dá tempo pegar os cantos pra botar as bacias, porque quando a gente chegava já tinha gente botando as verduras tudim nos cantos, aí a gente ficava com as bacias, pra cima e pra baixo sem ter onde bote. Ah! a gente sofreu muito em Campina, os tempos de sofrimento, tinha semana que era bom, mais tinha semana que era ruim trazia os peixes tudo de volta pra casa, às vezes vendia somente... só fazia o dinheiro de.. às vezes comprador, porque às vezes tinha gente que comprava um bocado e outros pescava, ai as vezes só arrumava o dinheiro da pessoa que vendeu e o dinheiro da passagem pra gente vir simhora.(Informação verbal)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022.

[...] Depois meu marido deixou de vender peixe em Campina, aí quem ia vender era eu. Eu ia pescar no rio de baixo, levava os meninos, eu já tinha quatro meninos, levava todos os quatro na canoa, deixava lá solto do outro lado, eu pescava de panela, tratava o peixe e ainda vinha pra casa pra tratar piaba, que as piabas eu não tratava lá e enfiar, pra eu ir pra Campina no sábado vender esse peixe. Deixava os meninos aqui e ia embora. Aí ia pra pista pegar um caminhão porque era mais barato que o ônibus, né? Nós ia de madrugada pegar um caminhão pra eu ir em cima do caminhão, [...] até com buchão ia em cima do caminhão, [...] o povo até me ajudava eu subir em cima desse caminhão com essa bacia de peixe, aí vendia na feira, aí pegava o ônibus de Santo André que era o primeiro ônibus que vinha, pra eu vim embora porque os meninos ficam só em casa. (Gercina, 2015)

Vendia, peixe, nós ia nos caminhão, ia de ônibus, no sábado, só ia mais no sábado, no mei da semana não ia não... Era no sábado... Ia eu, Maria, comadi Fatima, Gercina Também ia, comadi Joana, era... Vendia na feira, vendia encostado o banco de uma muezinha que ela botou eu pra ficar encostado do banco dela, era , eu vendia ali.. Era... depois vinha simhora. (Informação verbal)<sup>7</sup>

Nasci em casa, na vila de pescadores, e até os meus 26 anos estive no mesmo local. Nessa narrativa que parece muito pessoal e egocêntrica, tem mais dos outros do que de mim, é como se eu fosse um exemplo de como corriqueiramente as coisas aconteciam no cotidiano de muitas mulheres, sabendo que, O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. (CERTEAU, 1996).

Dar à luz aos seus filhos em casa, era uma prática comum entre as mulheres em tempos que a falta de assistência a serviços básicos, o acesso ao serviço de saúde era negligenciado, penso eu que pela dificuldade de locomoção, a falta de informação, já que estamos falando de um cotidiano que acontecia e acontece na parte periférica da cidade e também pela própria constituição da saúde pública da época, somando esses fatores tínhamos um resultado de muitas mulheres que davam a luz a seus filhos no seu lar.

Por mais belo que seja, e que a própria natureza feminina permita que isso aconteça de forma natural, existia riscos, uma eventual causalidade poderia colocar em jogo as vidas envolvidas no ato, o próprio fato de muitas vezes as mulheres não terem acompanhamento médico de suas gestações, se tornava um fator complicador.

Na época aqui o pré natal que a gente tinha, na época dos meus meninos era só tomar uma vacina, era três vacinas que a gente tomava, não tinha esse negócio de examinar a barriga, que não tinha, não tinha aparelho pra escutar coração de menino, num tinha não na época dos meu menino, não tinha não Mônica! A gente só descobria que era homem ou mulher já na hora que tava nascendo, que a parteira dizia é homem, é mulher. (Informação verbal)<sup>8</sup>

[...] só se a pessoa tivesse com anemia, eles passava um remédio chamado combiron, eu acho que hoje ainda existe né? Combiron e sulfato ferroso, que as vez o médico examinava os zói da gente, se tivesse branco, dizia tá

<sup>7</sup> Informações fornecidas pela pescadora Bernadete Lourenço em 21/07/2022.

<sup>8</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022

com anemia, aí passava ou sulfato ferroso ou o combiron pro caba tomar, acho que ainda existe né, esse remédios? (Informação verbal)<sup>9</sup>

Até os nove mês, eu pescava, só parava mesmo quando eu via, que tava... não aguentava mais (Informação verbal)<sup>10</sup>

Um novo elemento nos permite persistir no caminhar da ideia de que era comum a prática corriqueira de terem seus filhos em casa, estamos falando da vida de Dona Bernadete, que auxiliava essas mulheres em trabalho de parto, a trazer seus filhos ao mundo, era a parteira das mulheres da vila de pescadores, eu nasci com a ajuda de suas mãos e como símbolo de agradecimento, peço sua benção sempre que a encontro, quando criança não entendia o porque que minha mãe mandava eu pedir sua benção e depois de tanto ouvir minha mãe relatar as memórias de seus partos entendi o significado, a importância de sua presença nos momentos dos nascimentos.

[...] Aí os outros nasceram aqui em casa, Mônica, eu fui pra feira, passei o dia todinho em Campina vendendo peixe, cheguei, ela nasceu. (informação verbal)<sup>11</sup>

Como nos diz, Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (LARROSA, 2002). Sobre essas experiências que me passaram, me aconteceram e me tocaram, que continuo falando sobre a experiência de vivenciar o cotidiano dos pescadores.

Ser pescador é depender em parte da natureza, ter um lugar para pescar ou praticar as habilidades que a pesca possibilita, na maioria das vezes depende dos reservatórios cheios, ou seja, depende na sua essência de açudes cheios de água e isso depende das chuvas, e na nossa região (Nordeste) e em algumas cidades (como no caso de Soledade) isso acaba sendo uma problemática, pois quando temos um açude de médio ou grande porte, e tendo em vista que não temos chuvas tão intensas e regulares, como esperadas para que esses reservatórios possam atingir limites de água que seja propício à prática da pesca, isso acaba refletindo diretamente no cotidiano e no contexto familiar dos pescadores, levando os pescadores a buscar em outros lugares a possibilidade de trabalho.

Nós ia pro outros açudes fora, ia pra lagoa do mei, que é Taperoá, Parelhas que é Rio Grande do Norte, barragem da cauã, eu fui, Cubati também pesquei, Santo Antônio é aqui no Seridó, pesquei lá, aí nesses outros cantos só foi Damião que foi... Eu ficava, com os meninos pequenos, meus meninos era pequeno nessa época. Quando era no tempos dos açudes mais perto, que eu ia, ai levava... (informação verbal)<sup>12</sup>

Quando o açude aqui tava seco, nós pescava fora, Jurandir às vezes pescava em Parelhas, em Parelhas eu não ia não, porque era muito longe, eu num ia deixar os meninos só, né ? Mas alí na Barra, Mucuitu, Seridó, São Gonçalo, tudo isso nós já pesquemo, eu e ele, quando o açude tava

<sup>9</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022

<sup>10</sup> Informações fornecidas pela pescadora Maria José Lourenço em 15/08/2022

<sup>11</sup> Informações fornecidas pela pescadora Gercina Marinho da Silva em 20/08/2022

<sup>12</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022



seco, quando não era eu era os meninos que ia mais ele (informação verbal)<sup>13</sup>

Eles iam pescar em outro canto, Zé, Seu João, teu pai! também pescava tudo junto, eles pescaram Santa Luzia, parece que São Mamede, por esses mundo tudim eles pescava...Zé já vendia os peixe de Zé, já vendia fora porque os peixes era grande né? Aí vendia. Já tinha comprador, e Zé também vendeu muito peixe em campina, Zé pescou... na Bahia com Seu Burrego, Zé levava os meninos tudo, só deixava os mais novo era Ximba e Pinto... os outros ia... (Informação verbal)<sup>14</sup>

A pescaria fora de casa implica em diversos elementos, ela leva a uma movimentação que tira a ideia de rotina, levando os indivíduos a nadar e mergulhar em águas estranhas. Geralmente essa prática se constitui da seguinte forma, os pescadores vão para outras cidades em busca de possibilidades de pesca, passam a semanas, meses e até anos, arranjados em barracos erguidos nas margens das águas, e dependendo da distância de sua casa passam de três a cinco dias, esse tempo também tem uma variável que pode influenciar, em tempos mais pretéritos, as famílias de pescadores iam com todos os seus membros e nesse caso essa passagem ganha outra roupagem, com características de fixação, o que agrega ainda mais nas experiências vividas.

Era barraco de lona, aí fazia as camas de vara, e debaixo do barraco, a gente fazia caminha de vara, mas tinha os cantinhos dentro, de armar as redes deles, que eles dormiam de rede, só era pra e Damião, era cama de vara... (Informação verbal)<sup>15</sup>

Porque assim nos barracos que a gente foi Mônica, assim.. Vamos supor que lá no Riacho de Santo Antônio, Ahh teve o Riacho de Santo Antônio também. No Riacho de Santo Antônio eu só tinha Leia, quando eu ia pescar mais Damião eu deixava ela mais Toinha, Toinha de Zé, e mais tua mãe, quando Toinha não tava, que às vez Toinha ia pra Santa Cruz, aí tua mãe tava, aí tua mãe ficava com Leinha, pra mim botar as redes mais Damião, era desse jeito nós fazia, lá tinha um foguim no chão que a gente fazia as trempezinha, de...de pedra, era de pedra e cozinhava na lenha... Já levava tudo, levava feira, levava água, levava tudo que precisasse, a gente já levava, se faltasse alguma coisa e alguém vinhesse na rua, que às vezes era longe, porque pronto, vamos supor que do Riacho de Santo Antônio pra rua era longe, era longe, na barragem de acauã, a gente comprava numa bodeguinha que tinha lá, tinha uma barraquinha encostado no açude, aí a gente comprava, Lagoa do mei, também tinha uma bodeguinha também, mas a gente já levava tudo, sabe? Mas já tinha, lá tinha uma barraquinha, quando faltava alguma coisa a gente ia comprar e lá em Parelhas também era a mesma coisa, tudo tinha bodega, a gente comprava quando faltava as coisas, a gente já levava, era a gente já levava, mas era uma vida.. nera boa não, era vida sofrida... Frio... a vida de pescador né fácil, é muito sofrida, e é mesmo visse Mônica? A vida de pescador é muito sofrida . As vezes eu passava... Não em Parelhas mesmo, eu fiquei lá bem cinco anos, tudo na beira d'água, nós ficou numa casa que tinha num casarão, que tinha quarto lá detrás a gente ficou, depois a gente foi lá pro outro lado, aí fazia

<sup>13</sup> Informações fornecidas pela pescadora Maria José Lourenço em 15/08/2022

<sup>14</sup> Informações fornecidas pela pescadora Bernadete Lourenço em 21/07/2022

<sup>15</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022

uma barraca, ficava lá, e de 15 em 15 dias, de mês em mês é que eu vinha em casa e voltava de novo... (Informação verbal)<sup>16</sup>

Essa experiência, e aqui retomo a ideia de Larrosa, ela não me aconteceu particularmente, muito embora minha mãe, meu pai e meus irmãos tenham vivenciado, ela apenas me toca, através das memórias que sempre foram compartilhadas em conversas do dia a dia. E o que me faz refletir, quando observo os pescadores e pescadoras da vila, com idade acima de 35 anos, eles têm algo em comum, foram resultados de um tempo, que os privou de algumas demandas que hoje temos como essenciais à vida e dignidade humana, educação institucionalizada, a saúde ao lazer, serviços essenciais a vida como, alimentação, água potável, muitas vezes, alguns desses elementos, naquele momento talvez não fosse prioridade diante da obrigação de buscar a sobrevivência dentro do que já era conhecido por eles, que era a pesca, como por exemplo a oferta a educação.

Em muitos relatos a busca pela sobrevivência ia muito a fundo que “somente pescar e tentar e dá conta de tudo”. Uma especificidade vivenciada não exclusivamente pelos pescadores, mas que marcou de forma muito simbólica a memória dos mesmos, foi o período de estiagens que de tempos em tempos vivenciamos em nossa região, como nos mostra o trecho dessa reportagem de dezembro de 1998.

Mas é na região do Cariri, situada a cerca de 250 km de João Pessoa, que o cenário da estiagem é mais avassalador. No Cariri, considerada a área mais seca da Paraíba, não há inverno bom, ou seja, chuvoso, desde 1989. Uma das cidades mais afetadas pela seca deste ano é Soledade, que tem 11.106 habitantes. Há seis anos não existe água encanada na cidade e, desde 1996, o abastecimento é feito por carros-pipas. Em 1998, só choveu 60 milímetros em Soledade.

Como forma de visualização daquilo que venho tratando no decorrer desta escrita, trago os trechos de entrevistas cedidas pelas pescadoras, algumas cedidas no ano de 2015, que como disse anteriormente quando dei início a pesquisa, sobre esses cotidianos.

Quando o açude aqui as vez faltava peixe ele iam pescar em São Mamede, Parelhas, Santa Luzia, nesses cantos. Santa Luzia eles não queria que pescasse lá, pescador dos outros cantos, ai meu marido fazia o que, ele saia três horas da tarde, quando chegava lá na rodoviária ficava na rodoviária federal, ficava na rodoviária esperando escurecer pra ele ir pro açude pescar, ai lá pescava a noite todinha, antes do dia clarear, ele pegava outro carro sozinho, ai vinha tratar o camarão em casa, chegava aqui nós ia escolher os peixes, as piabas, torrar o camarão, de noite era que ele ia novamente porque não podia pescar no correr do dia, que lá os guarda de lá não deixava ele pescar<sup>17</sup> ( Gercina, 2015).

A pesca artesanal é uma atividade que permeia em sua quase totalidade pelo âmbito familiar, talvez por isso essa ligação de que por meio de suas práticas os sujeitos são formados enquanto seres sociais, políticos, econômicos e culturais.

<sup>16</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022

<sup>17</sup> Optei por transcrever a fala dos pescadores tal como dita pelos mesmos, devendo-se ignorar os erros de concordância no português formal para se compreender a fala popular como viva e contendo as suas próprias dimensões linguísticas.

Em um espaço geograficamente falando pequeno, é capaz de produzir e acolher tantas vivências, experiências e práticas, responsável pela permanência e por fincar nos indivíduos valores e signos para o resto de suas vidas. Não que a prática da pesca seja o único caminho a seguir, por aqueles que convivem nesse meio, mas aqui reporto daquilo que é nossa estrutura, daquilo que foi ensinado quando dizíamos nossas primeiras palavras, e de quando dava nossos primeiros passos, do que fomos preenchidos, enquanto seres em aprendizagem.

Podemos entender, portanto, que a prática da pesca é um meio que possibilita construções de saberes tanto nas relações pessoais visto que “as práticas subjetivas e objetivas tecem e moldam modos de vida ao projetar formas de sociabilidades reveladoras de particularidades sociais”. (RAMALHO, 2007) como no contato diário com a natureza que, através da experiência, pescadores e pescadoras passam a utilizar esses mecanismos de forma crucial à sobrevivência. Ser pescador não quer dizer que você escolheu essa profissão. Em muitos dos casos, você foi escolhido por ela.

O ofício de ser pescador é uma espécie de herança familiar, passada de pais para filhos com muita fraternidade e dedicação, ou seja, os pais sentem orgulho de ver seus filhos seguirem seus caminhos, por mais árduo que seja. Algumas pessoas têm a oportunidade de escolher que profissão irá seguir. Mesmo que não seja por toda a vida, essa escolha, muitas vezes, é feita por questões de afinidades ou até mesmo pela estabilidade econômica que determinadas profissões possibilitam. Esse não é o caso das pescadoras. Podemos perceber que estas foram escolhidas pela pescaria para embarcar nesse mundo de sabedoria, estratégia, dificuldades e paciência, onde nem sempre os resultados esperados foram alcançados, mas que percebemos em suas falas o quanto são orgulhosas de todo trajeto que foi percorrido.

Tornar-se pescadora foi para essas mulheres, uma oportunidade oferecida muito cedo, em alguns casos, logo no início da sua infância na qual se esperava a oferta de vida de estudos, de possibilidades de brincar de forma despreocupada e sem tantos percalços que a vida de pescador por si só já proporciona, nos casos das nossas entrevistadas Eunice e Josefa, a pesca chegou cedo, assim como o raiar do sol.

[...] Eu comecei a pescar com sete anos de idade... Foi quando eu o conheci que foi quando a gente casou que ele começou a pescar, aí entramos no ramo todo mundo de pesca, só tinha isso mesmo, naquela época a situação, as coisas, era muito difícil [...] Criamos quatro filhos pescando aqui, hoje está tudo de maior e tudo nas suas casas, mas já tem dois que é pescador profissional e a gente está por aqui ainda[...] (EUNICE, 2015)

Comecei pescar muito cedo com 7 anos, já ajudava meu pai, aí aos 15 anos, eu me casei, continuei pescando mais o marido. Quando eu cheguei pra morar aqui em Soledade, eu só tinha 10 anos de idade, tinha pouca casa aqui no bairro onde a gente mora, mas continuemo a merma luta pescando. no 15 anos eu me casei, o marido é pescador, era pescador também, continuei pescando do mesmo jeito mais ele, tive meus fi, quando eu fiquei buchuda, quando eu tava grávida, eu ia pro açude, só parava quando era no dia de ter o menino, mai quando o menino já tava de levar pro açude, já levava pro açude, deitava numa rede, ia cuidar da luta do

peixe do mesmo jeito, parei agora aos 55 porque me aposentei, eu e o marido, tamos todo dois aposentados pela pescaria.(Informação verbal)<sup>18</sup>

[...] Pesco...desde que quase que nasci que eu pesco,que minha mãe já pescava e eu continuei até hoje, me aposentei, mas continuo pescando...(Informação verbal)<sup>19</sup>

Aprender desde de pequeno o ofício da pesca é um processo involuntário, por aqueles que convivem com essa realidade, é uma espécie de educação extra que nos é apresentado de forma intencional ou não e acabamos por carregar no decorrer de nossa vida seja de forma prática ou não. Aprender a nadar, lidar com limpeza dos pescados, fazer os instrumentos utilizados na pesca, remar as canoas, pescar e vender os peixes, são atividades que todos os pescadores são habilitados a fazer, claro que algumas habilidades se destacam mais que outras entre os indivíduos, mas que todos sabem ou pelo menos são apresentados, de uma forma bem sutil no processo educativo, mas que ao longo prazo se concretiza diante de prática do cotidiano, e de como a demanda de profissionais da pesca vão surgindo.

{...} esses meu meninos tudim, eles não tem dúvida de pescaria porque começam pescar de pequeno... (Informação verbal)<sup>20</sup>

Tenhamos uma olhar sensível para o cotidiano das mulheres, que vai muito além daquilo que apresentei, temos particularidades que se agregam com aquelas destacadas acima. Que nos permite um olhar mais expansivo para as peculiaridades que estão na formação do ser pescador (a).

A mulher sempre carrega atividades para além daquilo que é comum a todos, e no cotidiano que venho mostrando é que não seria diferente. A mulher assume papéis que nem sempre são compartilhados com o restante da família, é dela que na maioria das vezes é exigindo algo a mais, que vão além das atividades laborais, é dela a responsabilidade pelo bom andamento da casa, pela educação dos filhos, e no caso das pescadoras pela contribuição de sua força braçal para as atividades que auxiliassem na manutenção financeira da casa.

Eu ia às vez lá pro outro lado do açude, levava, já levava três meninos, já tinha Erivania, passava o dia todinho, o menino pescando, eu tratava peixe, pegava piaba, fazia comer pra aquele povo comer, Meu Deus! Pra lavar roupa era difícil tinha de ir pra rua, se tivesse com bucho pela boca, mas ia assim mesmo me arrastando lavar os panos. (Informação verbal)<sup>21</sup>

Eu não me lembro nem como nós lavava roupa naquele tempo, sabe Mônica, porque não tinha água, nem nos negrin que era onde nós pegava água, nas barragens era tudo seca, nós ia pra detrás do negrin, que tinha umas cacimbinhas aí tinha dia que nós voltava sem água. (Informação verbal)<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022

<sup>19</sup> Informações fornecidas pela pescadora Maria José Lourenço em 15/08/2022

<sup>20</sup> Informações fornecidas pela pescadora Bernadete Lourenço em 21/07/2022

<sup>21</sup> Informações fornecidas pela pescadora Gercina Marinho da Silva em 20/08/2022

<sup>22</sup> Informações fornecidas pela pescadora Maria José Lourenço em 15/08/2022

Esses trechos citados acima, se fazem muito presentes nas memórias das pescadoras que conosco compartilharam suas lembranças de um cotidiano que foi pesado, que fez restrições na vida delas e de sua família. Nessa perspectiva percebemos o quanto as políticas públicas foram falhas e quanto esse cotidiano o qual mencionei no início do texto, é o cotidiano que forma sujeitos sociais e políticos, por meio da falta de elementos que são cruciais para a dignidade humana. Josefa em mais um dia de busca de manter sua sobrevivência, a tantos percalços, resolve cobrar das autoridades políticas uma solução, para a grande falta de água que assolava aquele período.

Aí quando foi um dia, saiu eu, tua mãe, Deta , madrinha Marina, Dona Maria de Rosalvo, outra mulher que foi, Lurde de Batista, quando nós chegemos lá na cacimba dos negrin já tinha umas quinhentas latas, não tinha mais nem onde botar, e água não tinha, aqueles povos que chegaram primeiro tava rapando, ia minando aquela coisinha e eles ia enchendo as latas, quando nós amahecemos o dia, eu disse Dona Maria, a senhora tem coragem, Dona Maria de Rosalvo, a senhora tem coragem de fazer um protesto ali na pista, pra nos bater essas latas e os que quiser acompanhar a gente fazer a mesma coisa, com as carroça de burro e tudo, aí eu fiz até assim “ minada vocês tem coragem de ir pra pista, com as latas e jumento com as carroça tudin, pra gente bater, fazer um protesto pedindo queremos água e nós só deixar passar somente as ambulância com os doentes[...] (Informação verbal)<sup>23</sup>

São memórias de um cotidiano que foi marcado pela constante luta pela manutenção da vida e pela dignidade. São depoimentos que tem muito de resistência, de flexibilidade no que diz respeito à mudança, essas pescadoras tinham incutidos no seu cotidiano uma cultura do nomadismo, tanto no que diz respeito a mudança de território, bem como no modo de se adaptar a novas práticas temporárias de sobrevivência, como das frentes de trabalho conhecidas por elas como cachorra magra e emergência. "Períodos de estiagem que o Nordeste brasileiro enfrentou por décadas de 1980 a 1990" (SOUTO, 2017), o qual foi necessário, se adaptar a esses programas como os já citados e que se tornaram mais uma forma de conseguir meios para a sobrevivência, foram Programas do Governo Federal, que visavam o combate à fome e à seca.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As problemáticas que aqui foram apresentadas a partir de minhas vivências, mas que são passíveis de discussões atuais, nos permite perceber o quanto o cotidiano e as vivências dos moradores da vila de pescadores são importantes para a construção das identidades que constitui as memórias e a história de Soledade e como elas são cheias de significados.

---

<sup>23</sup> Informações fornecidas pela pescadora Josefa Laurentino da Silva em 21/07/2022

Mostram como essas vivências perpassam por questões sociais que são objeto de discussões em muitos olhares por toda Soledade, é o que me fez refletir sobre a falta de interesse sobre elas, problematizar o porquê que elas não estão inseridas na formação histórica da cidade, ou pelo menos não aparecem nas narrativas que são produzidas.

É necessário que tenhamos sensibilidade para perceber o quanto que a mulher se destaca nessa história muitas vezes narradas de forma a minimizar o papel atuante e importante que as mulheres exercem em suas trajetórias de vida, seja no âmbito social, cultural e político, olhar para as suas vivências e perceber o papel de destaque que elas mesmo sem perceber representa.

No caminhar pelas subjetividades, perpassando pelo desvendar dos enigmas das memórias enraizadas dentro das construções pessoais do pescador e da pescadora soledadense, tornou-se palpável o leque de sentimentos compartilhados a cada entrevista.

São histórias de vida que ainda permanecem na memória daqueles que sentiram de perto o impacto da atividade da pesca em toda família. Em meio às diversas lutas cotidianas, esta atividade se tornou um objetivo de vida para muitos, de onde conseguiram e conseguem manter sua família economicamente, e que de geração em geração perpassa o legado do ofício.

Ao longo dos anos é possível perceber as mudanças que trouxeram mais facilidade nas vivências desses pescadores, como a garantia de uma aposentadoria, as condições de serviços essenciais se modificou e com as práticas também se modificaram é o que percebemos nas entrevistas.

Acreditamos na importância da contribuição dessa pesquisa para a História local da cidade de Soledade PB, bem como para a preservação da história de vida, de trabalho e resistência das pescadoras.

As discussões acerca da Vila de pescadores, que mesmo situada um pouco distante do centro da cidade, não pode ser esquecida, e se torna de suma importância à visibilidade do cotidiano das trabalhadoras da pesca que fizeram e fazem da atividade pesqueira e das proximidades do açude, algo mais que um local de ocupação, mas sim, o responsável por proporcionar oportunidades talvez não oferecidas em outros lugares, e que mesmo enfrentando tantas dificuldades, foi possível construir inúmeras lembranças, percebemos também que é nesse local que se torna possível a construção das identidades que se fazem tanto presente nas narrativas aqui apresentadas e discutidas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARROS, José D' Assunção. Cidade e história. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 2, Morar, cozinhar. Editora Vozes, Petrópolis. 1996.

Entrevistada concedida no ano de 2015, à pesquisadora Mônica Marinho da Silva, pela senhora Eunice Cerino Barbosa de Lacerda, aposentada e moradora da Zona Rural de Soledade PB

Entrevistada concedida no dia 20 de agosto de 2022, à pesquisadora Mônica Marinho da Silva, pela senhora Gercina Marinho da Silva, 69 anos de idade, aposentada e moradora do bairro São José, Soledade PB

Entrevistada concedida no dia 21 de julho de 2022, à pesquisadora Mônica Marinho da Silva, pela senhora Bernadete Lourenço, 85 anos de idade, aposentada e moradora do bairro São José, Soledade PB

Entrevistada concedida no dia 20 de agosto de 2022, à pesquisadora Mônica Marinho da Silva, pela senhora Gercina Marinho da Silva, 69 anos de idade, aposentada e moradora do bairro São José, Soledade PB

Entrevistada concedida no dia 21 de julho de 2022, à pesquisadora Mônica Marinho da Silva, pela senhora Josefa Laurentino da Silva, 56 anos de idade, aposentada e moradora do bairro São José, Soledade PB

Entrevistada concedida no dia 15 de agosto de 2022, à pesquisadora Mônica Marinho da Silva, pela senhora Maria José Lourenço, 56 anos de idade, aposentada e moradora do bairro São José, Soledade PB

LARROSA, Jorge Bondí. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Número 19. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>

MARINHO, José Tiago. Muito além da pedra e cal: Soledades sensíveis e (in) visíveis. Queimadas: Gráfica cópias e papéis. 2013.

NORA, Pierre. Ensaio de ego história. Lisboa, Edições 70 Ltda., 1989.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: **Proj. História**. São Paulo. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, 2007, vol.27, n. 53

SOUTO, Wsiel Lopes de. A Mulher cubatiense frente ao Programa de Frentes Produtivas de Emergências entre as décadas de 1980-1990, 2017.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. vol. 5, n. 10, pp. 200-212. Rio de Janeiro. 1992.

RAMALHO, Cristiano W. Noberto. A arte de fazer-se pescador artesanal. 2007.

ANDRADE, Patrícia. Açude que abastece Campina Grande, segunda maior cidade do Estado, está secando; lata de água custa R\$ 1. Na Paraíba, falta água para consumo. Folha de S. Paulo. 1998. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc26129803.htm>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.